



| Home | Foco

Um ano para poupar... na biodiversidade

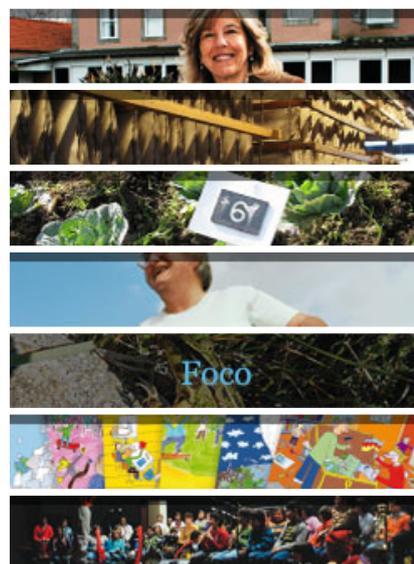
2010 é o Ano Internacional da Biodiversidade. E como assume a Comissão Europeia na campanha que lançou sobre o tema: "Estamos todos juntos nisto"! Temos de estar cientes do papel que a biodiversidade tem na nossa qualidade de vida, apreciar os valores naturais à nossa volta e estar preparados para ajudar a extinguir a inércia.

As sociedades de cariz ocidental, vivendo sobretudo em ambientes urbanos, desconhecem ou subvalorizam a importância dos ecossistemas e da biodiversidade para a sua sobrevivência e bem-estar. Quando tudo vem do supermercado, com muitos produtos à escolha, transformados, enlatados ou em pó, perde-se a noção de causalidade, da origem dos bens de consumo.

Só muito recentemente se começou a falar dos **serviços dos ecossistemas** fora dos círculos universitários e a maior parte dos gestores do território desconhece este conceito, que envolve processos como a produção e depuração de água doce, a produção de alimentos e de produtos medicinais, a regulação do clima e do ciclo da água ou a polinização, não esquecendo os serviços que permitem que aqueles referidos em primeiro lugar funcionem, como a produtividade primária ou a formação do solo. Este desconhecimento e subvalorização constituem, a par de uma completa inversão de valores ou de uma mal resolvida elencagem de prioridades, os principais precursores da degradação ambiental e da consequente perda de biodiversidade a que continuamos a assistir.

A **Convenção para a Diversidade Biológica** deu o sinal de partida, a nível mundial, para se considerar a biodiversidade como um elemento fundamental para a sustentabilidade, conceito que envolve aspectos económicos, sociais e ambientais, mas já lá vão quase vinte anos e pouco mudou.

Na Área Metropolitana do Porto (AMP) podemos aproveitar algumas áreas que ainda encerram vestígios apreciáveis do que foi em tempos uma área mais rica. Assim, desde a recentemente instituída **Reserva Natural Local do Estuário do Douro às Serras de Valongo e Pias**, finalmente em processo de classificação como Paisagem Protegida Local (PPL), à antiga **Reserva Ornitológica do Mindelo**, também recentemente reclassificada como PPL, após ter sido a primeira área protegida portuguesa, mas também passando pela **Barrinha de Esmoriz**, pela **Serra da Aboboreira**, pelo **Parque Biológico de Gaia**, pelo



Parque da Cidade do Porto, e ainda por mais alguns locais que constituem bons observatórios de vida selvagem.

Falar da vida selvagem na AMP é falar sobretudo de aves. Mesmo ao observador menos atento não escapará o recente incremento na abundância de algumas aves marinhas, como gaivotas de várias espécies. São aves de grandes dimensões, facilmente visíveis e com algum impacto no ecossistema urbano. Outras espécies fáceis de ver são a **garça-real** e o **corvo-marinho**, cuja presença em alguns locais, principalmente junto ao Douro, é notória. Outras garças, como a **garça-boieira** e a **garça-branca-pequena**, são igualmente encontradas um pouco por todo o lado. Em sentido contrário, algumas espécies foram referidas pelos estudos mais recentes como estando em declínio, principalmente aquelas cujo ciclo de vida está dependente das zonas rurais, reflectindo o que se passa a nível europeu. Entre elas podemos referir a **rola-brava**, outrora muito abundante. Agora, apesar de ser tão rara, ainda está inscrita na lista de espécies cuja caça é permitida. Incongruências de um sistema que muda mais lentamente que a realidade.

Mas nem só em aves se revela a biodiversidade da AMP. Se bem que menos conspícuos, alguns **mamíferos** são ainda relativamente comuns nas zonas rurais, como o ouriço - cacheiro ou a raposa, o esquilo, a toupeira e várias espécies de morcegos. Entre os **répteis** abundam as lagartixas de várias espécies, e é de assinalar a cobra-de-vidro, o sardão, o lagarto-d'água e cobras-de-água. Em muitas charcas e mesmo em jardins públicos encontra-se com facilidade a rã-verde. Também os sapos, tritões e a salamandra-de-pintas-amarelas não são raros. Quanto aos **peixes**, o nível de poluição e a sobre-exploração levaram a uma forte redução da abundância, tendo quase desaparecido a lampreia, o sável e a savelha. Sobram algumas bogas, barbos, ruivacos, bordalos. Ao nível dos **invertebrados**, vários estudos mostram uma diversidade considerável, havendo alguns locais onde ainda se observam espécies notáveis como a cabra-loira.

O conjunto animais que habitam este território, só o pode fazer pois há um sistema de suporte, no qual as manchas florestais que sobraram de uma grande mata atlântica pré-humana, os matos, a vegetação dunar, as sebes em terrenos agrícolas, a zona rochosa e arenosa entre marés, os lodos expostos na maré baixa, entre outros, lhes proporcionam alimento e abrigo. De referir igualmente o habitat importante fornecido pelas **zonas verdes das zonas urbanas** e algumas galerias ripícolas residuais nas **margens dos rios e ribeiros** que cruzam a região, e que conferem aos nossos sistemas altamente degradados uma cortina que mascara a destruição geral. Em todas estas zonas, espécies de árvores, arbustos ou algumas espécies de pequenas plantas em dunas residuais ou em recuperação, contribuem para a biodiversidade da região. Entre estas últimas, é essencial referir a presença do **endemismo** do litoral do distrito do Porto *Coincya johnstonii*, bem como de *Jasione lusitanica*, que apenas ocorre nas praias do Noroeste peninsular. Também famosas algumas plantas raras da Serras de Valongo e Pias, as orvalhinhas, a pinguícola-lusitânica, o pinheiro-baboso, todas elas carnívoras, bem como os fetos sem nome comum *Culcita macrocarpa*, *Trichomanes speciosum*, *Lycopodiella cernua*, e *Dryopteris guanchica*.

Mas não basta conhecer a biodiversidade que nos cerca, ou falar dela, ou compreender o que está em causa quanto aos problemas que enfrenta. É cada vez mais necessário um proselitismo ambiental generalizado, de modo a que **a mensagem relativa à necessidade de conservar a biodiversidade e os ecossistemas se torne global**. Mais ainda, é necessário que cada um de nós tome medidas que contribuam para essa conservação, no momento em que os esforços dos governos nesse sentido estão a fracassar. Finalmente, é essencial que as acções no sentido de exigir mudanças a quem nos governa sejam canalizadas de forma mais eficaz, promovendo o associativismo.



Paulo Talhadas dos Santos | ptsantos@fc.up.pt

Doutor em Biologia na especialidade de Ecologia animal, é Professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, onde lecciona nas áreas de Ecologia Marinha, Biologia da Conservação, Gestão e Caracterização dos Recursos Naturais, Biodiversidade e ainda Educação Ambiental. É investigador nas áreas da caracterização e gestão de ecossistemas e na biologia dos recursos pesqueiros. É membro da Direcção Nacional do FAPAS desde 1990 e representante no CRE_PORTO.

